

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Martin André direção musical

28 jun 2024 · 21:00 Sala Suggia

Concurso Internacional Santa Cecília

FINALISTAS

Sergey Belyavsky (Rússia)

Tatiana Dorokhova (Rússia)

Zhexiang Li (China)



casa da música

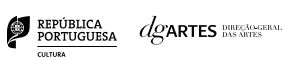
Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



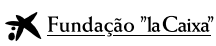
ORGANIZAÇÃO



ESTRUTURA FINANCIADA POR:



APOIO



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Concurso Internacional Santa Cecília

JÚRI

Álvaro Teixeira Lopes (Portugal) — Presidente

Alexandre Moutouzkine (Rússia/EUA)

Carles Lama (Espanha)

Florian Koltun (Alemanha)

Markus Schirmer (Áustria)

Muriel Chemin (França)

Paulo Oliveira (Portugal)

Vincenzo Balzani (Itália)

1ª PARTE

Sergei Prokofieff

Concerto para piano e orquestra n.º 3, em Dó maior, op. 26 (1921; c.27min)

1. Andante — Allegro
2. Andantino con variazione
3. Allegro ma non troppo

— **Sergey Belyavsky** piano

Piotr Ilitch Tchaikovski

Concerto para piano e orquestra n.º 1, em Si bemol maior, op. 23 (1875; c.35min)

1. Allegro non troppo e molto maestoso
2. Andantino semplice
3. Allegro con fuoco

— **Tatiana Dorokhova** piano

2ª PARTE

Piotr Ilitch Tchaikovski

Concerto para piano e orquestra n.º 1, em Si bemol maior, op. 23 (1875; c.35min)

1. Allegro non troppo e molto maestoso
2. Andantino semplice
3. Allegro con fuoco

— **Zhexiang Li** piano

Sergei Prokofieff

SONTSOVKE (UCRÂNIA), 1891 – MOSCOVO, 1953

Concerto para piano e orquestra n.º 3

Dmitri Kabalevski, compositor conterrâneo de Prokofieff, ao ouvi-lo em 1937 a estudar este concerto com concentração e intensidade extremas, questionou o eventual exagero de se debruçar afincadamente sobre uma peça que lhe era sobejamente conhecida. Prokofieff respondeu que toda a gente conhecia este concerto, daí a necessidade de não deixar transparecer qualquer hesitação. De facto, de entre os cinco concertos que compôs para piano, o terceiro é o que alcançou maior notoriedade — devido à virtuosidade da obra, à qualidade da orquestração e à associação de lirismo e arrebatamento que caracteriza a música russa desta época.

A génese do Concerto iniciou-se com a composição de um tema para um conjunto de variações (que dará origem ao segundo andamento) em 1913, e completou-se em 1921, quando o compositor estreou a obra em Chicago. A empatia que sentia com o piano é óbvia na escrita virtuosística — além de compositor de sucesso, Prokofieff foi também um exímio pianista. A sua dupla actividade levou-o a uma carreira internacional, centrada sobretudo na América e em Paris, nos anos que se seguiram à Revolução de 1917 na Rússia. O regresso definitivo a este país, em 1936, acabou por ser problemático devido a questões com as autoridades soviéticas, e o facto de ter falecido antes do desanuiamento que se seguiu à morte de Estaline (morreram ambos no mesmo dia) não lhe permitiu gozar de maior liberdade criativa na fase final da sua vida.

O Terceiro Concerto, embora siga o formato padrão de três andamentos que distingue o

género, apresenta características que se afastam das normas — nomeadamente a ausência de uma introdução inicial alargada para orquestra (o piano intervém praticamente desde o início) e a substituição do tradicional segundo andamento lento por um conjunto de tema e variações.

O primeiro andamento evidencia alguns aspectos característicos de Prokofieff, designadamente a virtuosidade pianística, óbvia nas passagens rápidas que integram a primeira intervenção do piano após a curta e lenta introdução orquestral. Esta virtuosidade é reforçada pela utilização do piano como um instrumento de natureza percussiva, patente, por exemplo, no segundo tema principal (com o acompanhamento de castanholas). A alternância entre passagens rápidas e/ou percussivas e passagens líricas é também um traço distintivo — uma secção intermédia mais lenta (derivada da introdução lenta) permite à orquestra e ao piano apresentarem material de natureza quase vocal. Encontramos, aliás, o mesmo tipo de estrutura no terceiro andamento, de tempo rápido, mas com uma secção intermédia mais lenta e melódica.

O segundo andamento articula-se como uma sequência de tema e cinco variações. A organização destas secções rege-se por semelhança e contraste: assim, o tema (exclusivamente orquestral) e a 1.ª variação (com a participação do piano) são ambos em tempo moderado, em contraste com a 2.ª e a 3.ª, rápidas e virtuosísticas. A 4.ª variação (“meditativa”, segundo a indicação do compositor) e a rápida variação final apresentam também um factor de contraste mútuo.

HELENA MARINHO, 2008*

Piotr Ilitch Tchaikovski

VOTKINSK, 1840 – SÃO PETERSBURGO, 1893

Concerto para piano e orquestra n.º 1

“Sem valor”, “impossível de tocar”, “trivial” — estes terão sido alguns dos epítetos que Nikolai Rubinstein, o influente pianista, maestro e director do Conservatório de Moscovo, terá vociferado ao perplexo Tchaikovski, depois de este lhe ter apresentado o seu recém-composto Concerto para piano e orquestra em Si bemol menor, na véspera do Natal de 1874. Esta explosão, relatada por Tchaikovski numa carta enviada três anos depois a Nadezhda von Meck, sua mecenas, surpreendeu o compositor, que era desde 1866 colega de Nikolai no Conservatório de Moscovo (a convite do irmão deste, Anton). Gorou-se neste episódio qualquer esperança que tivesse quanto à possibilidade de Nikolai tocar a obra, que acabou por ser estreada em 1875 por Hans von Bülow, em Boston. Embora tenha composto outras obras em estilo concertante para piano (incluindo mais dois concertos), nenhuma atingiu o grau de popularidade que esta foi conquistando, e que se mantém até aos nossos dias.

Na altura em que o Concerto n.º 1 foi estreado, Tchaikovski já tinha tido algum sucesso com a obra orquestral *Romeu e Julieta* (1869) e a Sinfonia n.º 2 (1872). Mas a reacção de Nikolai ao Concerto para piano, não obstante os elogios enviados por Bülow, levaram-no a realizar a revisão da obra em 1879 e a incluir outras alterações, publicadas em 1890. Esta última versão é a mais tocada, mas alguns intérpretes, argumentando que poderá conter alterações não validadas pelo compositor, escolhem a versão de 1879.

O primeiro andamento, “Allegro non troppo e molto maestoso”, apresenta um tema inicial nos violinos pontuado por acordes vigorosos no piano, passando depois este tema para o piano, que desenvolve uma cadência a solo. A inclusão de várias cadências num andamento é uma opção invulgar, já que na época romântica aquelas eram normalmente reservadas para as conclusões dos andamentos; mas é um procedimento recorrente neste “Allegro”, que inclui vários solos de piano. O tema, provavelmente uma das mais conhecidas melodias de um concerto para piano, não é repetido no andamento, o que torna clara a sua função meramente introdutória. Esta introdução é seguida, ainda como primeiro andamento, de uma secção “Allegro con spirito”, em que o piano repete um motivo rítmico quase obsessivo, leve e delicado, que entra em diálogo bem-humorado com vários naipes da orquestra: as flautas e os clarinetes, e também os violoncelos e os contrabaixos; Tchaikovski relatou ter-se inspirado numa melodia ucraniana ouvida a um mendigo numa feira.

Aliás, como apontou o musicólogo Francis Maes, a utilização de melodias já existentes está patente também no segundo andamento (uma *chansonette* francesa) e no terceiro (uma canção tradicional russa). Uma alteração para tempo mais lento introduz a secção lírica do andamento: exposto em estilo de hino pelos instrumentos de sopro de madeira, o seu tema principal é reiterado pelo piano. É logo a seguir combinado com figuração rápida que lhe confere um cariz virtuosístico, reforçado no final por uma sequência de oitavas quase brutais, antes do retorno à calma que caracterizou o início da secção. Uma transição orquestral de gradual excitação, combinando motivos de ambas as secções anteriores, leva a nova cadência do piano, a que se junta a orquestra,

antes do retorno ao tema da primeira secção. A partir daí, a sequência adoptada assemelha-se à exposição inicial, também com o retorno da secção lírica, terminando na mais longa e complexa das cadências do piano. O diálogo final entre piano e orquestra é baseado no material da secção lírica.

No “Andantino semplice”, as cordas em *pizzicato* já indiciam a delicadeza que o caracteriza, mas é a melodia da flauta que expõe o tema principal do andamento, logo reiterado pelo piano. O procedimento de variação é a técnica mais marcante deste andamento, já que Tchaikovski explora vários procedimentos: ornamentação do tema principal, alteração do timbre através da exposição desse tema por vários naipes ou instrumentos — por dois violoncelos a solo, ou pelo oboé, por exemplo —, ou alteração do tempo do andamento, como por exemplo na variação rápida que se inicia com um solo do piano e que introduz um cariz de dança. É o retorno ao lirismo e à calma iniciais, no entanto, que marca a conclusão do andamento.

No último andamento, “Allegro con fuoco”, a entrada marcadamente rítmica das cordas, respondida pelos sopros, estabelece desde logo o cariz enérgico que o piano apenas vem reforçar. Os ornamentos conferem-lhe também um carácter de dança, com reminiscências de música tradicional, ampliado pelos acompanhamentos em contratempo. À semelhança do primeiro andamento, também este inclui uma segunda secção de cariz lírico, cujo tema principal é apresentado inicialmente pelos violinos, logo seguido, com profusa ornamentação, pelo piano. Uma alteração brusca de tempo introduz uma secção onde predomina o ritmo pontuado, mas retorna ao tema principal e à repetição da sequência anteriormente exposta. A exposição, pela orquestra, do tema inicial em tempo bastante mais lento é apenas o início de um

crescendo de dinâmica que, ampliado por uma breve cadência do piano, nos leva a um assertivo e enérgico final em que o piano nos deslumbra mais uma vez pela sua virtuosidade.

HELENA MARINHO, 2019*

* A autora não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Martin André direção musical

Martin André apresenta-se com igual à-vontade nos teatros de ópera e nas salas de concerto de todo o mundo. É cofundador e diretor do Islington Festival of Music and Art, que teve a sua primeira edição em julho de 2021. Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, prosseguiu os estudos musicais na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Em breve completará 40 anos de carreira a dirigir óperas e concertos em cerca de 30 países diferentes. Este é o seu 50.º concerto na Casa da Música.

Tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que trabalhou com todas as principais companhias de ópera britânicas, dirigindo obras como *Un ballo in maschera* (Royal Opera House), a estreia britânica de *Cornet Christoph Rilke* de Matthus e *The Makropoulos Case* (Glyndebourne Touring Opera). Dirigiu ainda obras de Lehár, Mozart, Janáček (Ópera Escocesa) e Prokofieff, além da estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. A sua relação especialmente próxima com a Opera North deu origem a novas produções com música de Falla, Gounod, Janáček, Lehár, Martinů, Puccini, Rachmaninoff, Ravel e Verdi.

Em 1986, Martin André começou a dirigir óperas nos palcos internacionais, realizando a estreia norte-americana de *Da Casa dos Mortos* de Janáček com a Ópera de Vancouver. Apresentou-se pela primeira vez nos Estados Unidos da América a dirigir *Carmen* na Ópera de Seattle. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Países Baixos,

Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA.

O seu repertório sinfónico é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart, Nielsen, Chostakovitch e Tchaikovski. Tem desenvolvido relações particularmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo (Países Baixos), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, o Collegium Musicum Bergen (Noruega) e a Orquestra Clássica da Madeira. Trabalhou com muitas das principais orquestras britânicas e de países como Austrália, Israel, México, Países Baixos, Noruega e Portugal.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), onde criou um Programa de Treino de Repertório Orquestral. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi diretor artístico do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa. Como tal, foi diretor executivo de duas das maiores instituições musicais portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Além das funções executivas, dirigiu várias produções, entre as quais uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o bicentenário de Verdi, em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das sinfonias de Mozart e outras grandes obras sinfónicas e corais de Bruckner, Janáček, Sibelius, Strauss, Tchaikovski e muitos outros.

Mantém uma relação estreita com Portugal, dirigindo frequentemente orquestras no Porto e no Funchal. Toca também piano em grupos de música de câmara.

Sergey Belyavsky piano

Sergey Belyavsky, nascido na Rússia, vive atualmente em Hannover, na Alemanha. O pianista foi galardoado em vários concursos: 2.º prémio e Prémio do Público no 76.º Concours de Genève (Suíça, 2022); 1.º prémio no Concurso Internacional de Piano “Júris em Concurso” de Salzburgo (Áustria, 2019); 3.º prémio no Concurso Internacional de Artistas Gina Bachauer em Salt Lake City (EUA, 2018); 2.º prémio (sem atribuição de 1.º prémio) no IV Asia-Pacific International Fryderyk Chopin Piano Competition em Daegu (Coreia do Sul, 2018); 2.º prémio e Prémio do Público no Concurso Internacional de Piano Ferenc Liszt de Budapeste (Hungria, 2016); 2.º prémio e Prémio do Público no Concurso Internacional de Piano Maria Canals de Barcelona (Espanha, 2014).

Apresentou-se em várias salas de concerto importantes, tais como: Gewandhaus (Dresden), Sala de Concerto do Centro Cultural La Beneficencia (Valência), Victoria Concert Hall (Genebra), Palau de la Musica Catalana (Barcelona), Luxembourg Philharmonie, Sala Beaux Arts (Bruxelas), Salle Gaveau (Paris), Alte Oper (Frankfurt), Ópera de Monte Carlo, Sala Grande e de Câmara da Academia de Música Liszt (Budapeste), Rose Wagner Theater (Salt Lake City), House of Pianos, Steinway Prizewinners Concerts Series (Dubai).

Tatiana Dorokhova piano

Tatiana Dorokhova nasceu em Volgogrado (Rússia), no seio de uma família de músicos. Começou a tocar piano aos seis anos de idade e formou-se na Escola de Música Infantil n.º 14 de Volgogrado (classe de Anna Cherfas), na Escola Central de Música em 2009 e no Conservatório Estatal Tchaikovski de Moscovo (classe de Alexander Mndoyants) em 2016. Participou também em masterclasses de músicos de renome, incluindo Dmitry Bashkirov, Paul Badura-Skoda, Dina Yoffe, Richard Goode, Leon Fleischer e outros.

A pianista é laureada em vários concursos internacionais de música, incluindo: 2.º prémio e prémio para a melhor interpretação de uma obra obrigatória no Concurso Internacional de Piano da Cidade de Jaén (Espanha, 2011); 3.º prémio no Concurso Internacional de Piano Johann Nepomuk Hummel de Bratislava (Eslováquia, 2017); 2.º prémio no 28.º Concurso Internacional de Piano de Nova Orleães (EUA, 2022); 2.º prémio e Prémio do Público no Concurso Internacional de Piano Gurwitz (EUA, 2024).

Tatiana Dorokhova participou na gravação da série *Anthology of Russian and Soviet Piano Music*, lançada em CD pela editora Melodiya. É aluna de Stanislav Ioudenitch na Park University em Parkville, Missouri.

Zhexiang Li piano

Zhexiang Li é Jovem Embaixador da Lang Lang International Music Foundation & Lang Lang Arts Foundation, BOB “Best of Best” Talento inovador de alto nível do Conservatório Central de Música. Estudou com Xinning Zhang e Danwen Wei. Em 2019, foi admitido na Escola Média do Conservatório Central de Música. Iniciou carreira internacional aos 11 anos de idade. Em 2017, participou pela primeira vez no Concurso Internacional Mozart de Zhuhai para Jovens Músicos, ganhando o 2.º prémio, apresentando-se com a Orquestra de Câmara Solista de Salzburgo. Em 2019 arrecadou o 1.º prémio e o prémio de melhor interpretação de Polonaise no Grupo Júnior do 2.º Concurso Internacional de Piano Fryderyk Chopin de Pequim para Jovens Pianistas. Em 2023, ganhou o 1.º prémio no V Concurso Internacional de Concerto para Piano da China (Shenzhen). Desde então, ganhou muitos prémios em concursos internacionais, nomeadamente, Gina Bachauer, Cleveland, Langlang, Manchester e Horowitz.

Com apenas 18 anos de idade, já tocou por toda a China, incluindo a Orquestra Filarmónica da China, a Orquestra Sinfónica de Shenzhen, entre outras. Em 2017 e 2019, atuou com a Orquestra Sinfónica Camerata e a Orquestra Sinfónica do Pacífico em Manchester e Los Angeles.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rãsonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Ilanina Khmelik
José Despujols
Roumiana Badeva
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Andras Burai
Mafalda Vilan*
José Pedro Rocha*
Pedro Carvalho*
Joana Machado*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Catarina Martins
José Paulo Jesus
Mariana Costa
Lilit Davtyan
Tatiana Afanasieva
Domingos Lopes
Pedro Rocha
Karolina Andrzejczak

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Emília Alves
Hazel Veitch
Rute Azevedo
Jean-Loup Lecomte
Rita Barreto*
Maria Almeida*

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
João Cunha
Sharon Kinder
Bruno Cardoso
Beatriz Figueiredo*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho
Sławomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Cândida Nunes

Trompa

Nuno Vaz
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Hugo Sousa

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Henriques*

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira

Operação Técnica**Iluminação**

Virginia Esteves

Palco

Fernando Gonçalves
Rui Brito

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL



MECENAS CASA DA MÚSICA

